

REVISTA DE CINEMA

Entrevista concedida em julho de 2006

- Fala-se muito no boom do documentário no Brasil, mas ainda pouco se discute sobre um tipo de documentário que vem surgindo com cada vez mais força. Filmes recentes parecem expressar um cruzamento e uma circulação cada vez mais intensos entre domínios até bem pouco tempo distantes: a arte contemporânea e o documentário. Você poderia falar um pouco sobre este diálogo entre o documentário, a vídeo-arte, o filme experimental e a arte performática? Como este diálogo se expressa nos seus filmes?

No meu entender o universo da arte contemporânea anda mais aberto a receber as renovações do audiovisual do que o do cinema. O mundo do cinema ainda está muito pautado pelo peso da indústria e preso ao retorno do alto investimento financeiro da produção de seus filmes. Ou seja, filmes ou vídeos que reivindicam um posicionamento mais sério e ousado com relação a manifestação da arte, que pretendem uma existência autônoma independente de um público ou de amarras orçamentárias, geralmente migram para os museus e galerias pois não há espaço para serem exibidos no viciado sistema de distribuição das salas de cinema.

O universo do audiovisual passa atualmente por uma grande renovação, não apenas tecnológica (qualquer um pode fazer seu filme) como também nas múltiplas formas de olhar o mundo. Quando você tem uma câmera e está fora deste sistema de produção cinematográfica você olha para o lado e percebe a riqueza da realidade que o rodeia. Daí um acréscimo na quantidade (e na pluralidade qualitativa) de filmes documentários. Novas formas de olhar implicam em novas formas de fazer. Novos filmes de linguagens novas implicam em novas formas de distribuição. A arte contemporânea percebeu a riqueza destas obras que iam ficando `a deriva não apenas do cinema como também da música, do teatro, da dança etc.

Todo ser humano tem o direito de se expressar e da forma que bem entender, usando do instrumento que eleger como o mais adequado a sua idéia. Por acaso algumas destas obras são para serem projetadas bidimensionalmente e usam de imagens e sons (o velho e bom cinema) mas os velhos e bons donos das salas de cinema acham que aquilo não vai interessar a ninguém.

Não acho que exista apenas um maior diálogo entre o documentário, a video-arte, o filme experimental e a arte performática. Acho que existe um diálogo entre todas as formas de arte, inclusive o cinema. Não gosto de generos e rótulos. Cada idéia merece uma forma, cada sentimento uma expressão.

Tento dialogar sempre com todas as artes, mesmo nao sendo “iniciado” em nenhuma delas.

- Na sua opinião, quais são as principais diferenças entre vídeo-arte, filme experimental e documentário?

Não gosto e não consigo perceber limites em uma obra de arte. Os generos são limitadores. Segregam, preconceitualizam, geram guetos e guerras.

Já fiz filmes que poderiam ser rotulados de todos estes generos ao mesmo tempo. Meu último filme por exemplo que é todo fundamentado na “realidade” dos andarilhos parece mais uma ficção! Filmes são apenas filmes e ponto.

- Neste diálogo não parece estar implicada uma série de questões sobre o que é o conhecimento? Ao amplificar os acontecimentos “reais” pelo “imaginário”, estes documentários parecem endossar a idéia de que o “significado” é um fenômeno subjetivo. Sendo assim, a característica referencial do documentário não estaria dando lugar a uma perspectiva mais expressiva e extremamente situada? E com isso, todo um leque de categoria de envolvimento com o filme (como as noções de verdade e mentira) não estaria perdendo sua razão de ser?

Claro que o “significado” é um fenomeno subjetivo! Não consigo conceber a idéia de uma pessoa ter a mesmíssima percepção da realidade que uma outra. É por isso que fazemos filmes, é por isso que nos expressamos, nisso reside toda a graça de existir – na diferença e na comunicação (troca) desta diferença!

A percepção dos acontecimentos reais sempre estará intimamente relacionada ao imaginário. Nenhum olhar é isento de si ao olhar para fora. Vejo, e ao ver, também me vejo.

Para mim esta questão do conhecimento é muito relativa. Penso como Sócrates: “Só sei que nada sei.” Esta frase é lapidar e definitiva. E já que estamos na Grécia antiga

penso em Heráclito para falar da realidade e do cinema. Tanto um quanto o outro são como um rio que nunca é o mesmo. Os que trabalham com a realidade para construir seus filmes são como os espectadores numa sala escura. Jamais passivos, sempre criando novos significados diante da realidade ou dos filmes. Da mesma forma que a realidade-rio continua no olhar do cineasta, o filme-rio continua no olhar do espectador.

Penso o documentário como uma outra forma de arte qualquer. E toda forma de arte exige uma perspectiva expressiva. Não existe verdade ou mentira em uma obra de arte. Existe expressividade. Arte não é ciência.

- A repressão da subjetividade tem sido um fato persistente e ideologicamente direcionado da história do filme documental. Questões de objetividade, ética e ideologia, tornaram-se a marca do debate do documentário como as questões de subjetividade, identificação e gênero tornaram-se a da ficção narrativa. Neste sentido, estes novos documentários, sejam eles "performáticos" ou "poéticos", não parecem promover uma reavaliação, um redirecionamento destas questões?

Talvez houve uma época em que o documentário se pretendia ciência ou jornalismo. Talvez até hoje isso aconteça em algumas escolas de antropologia ou em televisões. Não podemos confundir o uso de determinada 'técnica artística' para fins científicos com expressão artística. Não tiro o mérito deste uso mas existe um abismo entre uma coisa e outra.

Como já disse anteriormente o documentário será sempre subjetivo. Olhar o mundo através de um aparelho ótico, enquadrar a realidade já possui em si uma dimensão subjetiva muito forte. É impossível destituir o documentário da subjetividade. É ontologicamente impossível! Então porque encerrar o documentário na máscara da objetividade, verdade, imparcialidade?

Um filme como "Sleep" de Andy Warhol não é um documentário? Ele não filmou o sono de uma pessoa em tempo real para fins científicos. Filmou a expressividade do sono. Nos legou a oportunidade de compartilhar com um desconhecido uma coisa muito íntima.

Por outro lado não acho que uma obra de ficção narrativa esteja isenta de questões éticas, objetivas e ideológicas.

Todas estas questões fazem parte de uma obra de arte. A necessidade de rotulá-la e

categoriza-la é o que a mortifica.

- É curioso como um documentário como "Rua de mão dupla", apesar de não ter o aspecto de "busca pessoal", parece alimentar em sua gênese uma série de afinidades com filmes como "33" e "O passaporte húngaro". Nestes longas não se trata de contar uma história já vivida, mas de viver uma história para contá-la. Nestes filmes há uma estratégia de filmagem parecida, a elaboração de uma maquinação, de um jogo, que institui regras, condições e limites. É a idéia de dispositivo. Você poderia falar um pouco sobre essa idéia, cada vez mais presente no documentário?

Prefiro falar em obras propositivas. Historicamente isso vem um pouco da arte conceitual, ou de artistas que através de uma proposição buscavam embaralhar um pouco determinada realidade para vivencia-la e finalmente transforma-la em obra. Como Sophie Calle que usava muito da fotografia e da literatura para narrar algo a que se propusera, inclusive como protagonista atuante (como é o caso do "33" e do "Passaporte Hungaro").

No caso do "Rua de Mão Dupla" é um pouco diferente. Apesar de também ser uma obra propositiva, onde eu lancei a idéia de que pessoas que não se conheciam trocassem de casa por 24 horas, cada uma com uma camera de video e documentassem esta realidade de um outro ausente, o papel do diretor foi de certa forma esvaziado, ou compartilhado com os personagens do filme.

Eu não vivi a história para contá-la. Quem o fez foram os próprios personagens. Eles trocaram de casa, eles mesmo filmaram esta situação, imprimindo cada um o seu olhar diante de uma realidade estranha.

Geralmente no documentário clássico um personagem é revelado ao falar de si. No caso do "Rua de mão dupla" eu tentei inverter completamente esta situação. O personagem é paulatinamente revelado em 3 dimensões:

- Ao abrir sua casa para que um outro a filme, sua intimidade foi de certa forma revelada.
- Ao filmar a casa de um outro ausente cada um imprimiu linguagem no modo de filmar, revelou a forma do seu olhar.

- E principalmente cada um estava ali não para falar de si mas para falar de um outro que eles não conheciam, em cujas casas ficaram por 24 horas. E ao falar de um outro voce revela muito de si. Talvez muito mais do que falando de si mesmo. Geralmente ao falar de si somos tentados a mascarar varias de nossas facetas, por vergonha, por orgulho, por vaidade etc.

- Na sua opinião, o documentário sofreu ou sofre uma má influência do jornalismo?

Depende. Existem muitas formas de jornalismo. Existe aquele jornalismo amarrado em estatísticas, formulas, onde a informação é o Deus supremo. E existe um jornalismo mais expressivo, de opinião, onde sente-se um olhar do outro lado da caneta (hoje em dia é apenas teclado). A cronica por exemplo é uma forma de arte sublime, especialmente sofisticada em nosso país. Ler uma cronica de um Paulo Mendes Campos ou de um Carlos Drummond de Andrade é com ver um bom filme que também imprime um olhar poético sobre uma realidade.

As imagens podem ser usadas de diferentes formas assim como as palavras.

Voce pode filmar a festa de aniversário de sua tia de várias formas. O mistério da obra de arte não é explicavel. Não existem fórmulas.